



O Camponês

ORGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO SUL

OS OPERÁRIOS AGRÍCOLAS CONTINUAM A LUTAR UNIDOS E FIRMES, PELO HORÁRIO DAS 8 HORAS

Em todo o Alentejo Litoral a luta pelas 8 horas é mantida firmemente pelo operariado agrícola.

As ceifas já terminaram e na quase totalidade das terras foram conquistadas as jornadas de 45 e 50\$00. Mas além desta jornada foi imposto o horário das 8 horas quase por todo o lado.

Chega-nos novas informações de lutas em que esse horário está sendo firmemente defendido.

GRÂNDOLA—Nesta terra e arredores os tiradores de cortiça uniram-se e exigiram dos agrários, 40\$00 e as 8 horas, recusando trabalhar por jornada inferior e de Sol a Sol. Ao fim de 8 dias mantinham firmemente a mesma reivindicação apesar dos agrários se recusarem a dar-lhes trabalho nessas condições.

Entretanto, dois ranchos um de 10 e outro de 8 trabalhadores compostos, um de jovens desconhecidos do trabalho e outro de velhos aceitaram ir trabalhar, os primeiros de Sol a Sol e 35\$00 e os segundos de Sol a Sol e 40\$00. Mas apesar do recuo dos acima citados, os restantes, que são dezenas, continuam unidos e firmemente exigem os 40\$00 e as 8 horas.

S. MARGARIDA DO SADO—Aqui e nas terras circunvizinhas os tiradores de cortiça devido à sua unidade e luta conquistaram a jornada de 45\$00 e as 8 horas.

CAMPILHAS—O agrário Jaime

Espada trazia nos seus arrozais ranchos de homens e mulheres com o horário das 8 horas, mas a meio da semana quis impor-lhes o horário de Sol a Sol. Como os trabalhadores recusassem aceitar esse horário o agrário e o capitão, Francisco Direitinho, que é um grande patife, chamaram a GNR e acusaram os trabalhadores de fazerem greve, ao que os trabalhadores responderam que queriam eram as 8 horas tal como tinham quando

SÓ A UNIDADE E FIRMEZA GARANTEM A VITÓRIA

De algumas lutas mais chegadas ao nosso conhecimento, fica mais uma vez demonstrado, que só a unidade de acção e firmeza dos trabalhadores lhes garante a vitória contra a exploração dos grandes agrários e contra o desemprego.

PIAS—No dia 7 de Junho, um rancho, com cerca de 150 pessoas que trabalhava para o agrário João Rogado, viu-se obrigado a largar o trabalho devido a este agrário ter resolvido no meio da semana baixar a jornada de 50\$00 para 27\$00. Em face da firmeza e unidade dos ceifeiros que se recusaram a trabalhar por esta jornada, este senhor não viu outro meio de resolver a situação, senão chamar a G.N.R. que perante a mesma firmeza dos trabalhadores, não teve remédio senão reconhecer, que a razão estava do seu lado.

Este mesmo agrário trazia um

começaram a trabalhar e caso contrário largariam então o trabalho. Esta sua firme atitude deu como resultado continuarem a trabalhar com o horário das 8 horas.

ERMIDAS—Só o agrário Rocha se tem recusado a dar o horário das 8 horas, por isso um número reduzido de mulheres tem trabalhado para ele, enquanto a quase totalidade das mulheres pela sua luta unida e firme conquistaram as 8 horas e 18\$00.

AGRAVA-SE A SITUAÇÃO DOS PRESOS POLÍTICOS

a este apelo das centenas de homens e mulheres que jazem nas masmorras salazaristas. E cada um de nós pode fazer alguma coisa. Podemos fazer inscrições de protesto contra a repressão. Podemos em reuniões, até no próprio trabalho, aprovar moções em defesa dos presos políticos. Podemos prestar-lhes solidariedade e às suas famílias. Podemos dirigir-nos às autoridades a reclamar a libertação dos presos. Podemos recolher muitas e muitas assinaturas a pedir uma Ampla Amnistia Política.

(continua na 2ª pági.)

AGRAVA-SE A SITUAÇÃO DOS PRESOS POLÍTICOS

A situação dos presos políticos está-se agravando cada vez mais.

Em Caxias os doentes não se podem tratar e dão-se espancamentos e castigos desumanos sem qualquer razão. Esta situação levou a quase totalidade dos presos políticos a recusarem-se, no dia 16 de Maio, a levantar o jantar, para desse modo protestarem contra o bárbaro espancamento do operário agrícola de Montemor-o-Novo António Gervásio e contra o castigo de cinco dias no «segredo» a pão e água que foi aplicado à camponesa do Couço Maria Julia David.

Em Peniche também as provocações dos guardas (ao todo o número de guardas da cadeia e de soldados dos da G.N.R. é quase o dobro do dos presos políticos) e as medidas arbitrárias do secretário da cadeia estão tornando muito difícil a vida dos presos políticos. Desde a ilegal proibição de entrada de quaisquer jornais, ao roubo de géneros, à péssima alimentação, à montagem de resguardos metálicos que durante a noite tapa completamente as janelas impedindo a ventilação, a todos os processos os salazaristas recorrem para oprimir e destruir a saúde dos presos políticos. Também nesta cadeia os presos se viram obrigados a protestar em altos gritos durante dez minutos contra as provocações dos guardas.

«Mas por mais vigorosa que seja a nossa reacção, nós não podemos só com as nossas forças, não poderemos obrigar a P.I.D.E. a recuar», diz um apelo dos presos políticos, o qual continua:

«Precisamos de vós! Precisamos da vossa ajuda constante, da vossa acção constante!»

Ninguém pode ficar insensível

APROXIMAM-SE AS ELEIÇÕES

Segundo a Constituição salazarista devem realizar-se eleições para deputados no próximo mês de Novembro.

O próximo período eleitoral pode ser se assim o quisermos, um período de intensa e firme organização e acção das forças que em todo o país se levantam contra um regime que roubou ao povo a liberdade, o pão e a paz,

Para isso exige-se um esforço imediato no sentido de serem rapidamente formadas Comissões Eleitorais em todas as aldeias, freguesias, concelhos e distritos.

A nós operários agrícolas do Sul do País, a nós, camponeses do Sul cabe-nos uma importante tarefa pois podemos e devemos dar uma valiosa contribuição para a organização e acção dum amplo movimento eleitoral.

Mas este movimento tem de ser levantado para a propaganda e a conquista de votos para listas de candidatos a deputados. Isto significa que em cada distrito sem perda de tempo é necessário escolher essas listas de candidatos, listas técnicas de oposição.

Devemos actuar de forma a que o movimento eleitoral chegue a todo o lado realizando para isso contactos, pequenas e grandes reuniões e formando comissões eleitorais com os homens, mulheres e jovens mais dispostos e que se liquem estreitamente às massas. O movimento eleitoral não pode ficar confiado a estas ou aquelas pessoas ou a esta ou aquela terra. Ele deve ser um movimento onde participem todos os que desejem conquistar para o nosso povo o pão, a liberdade e a Paz.

Pela escolha imediata de candidatos em todos os distritos do Sul. Pela criação imediata dum amplo movimento eleitoral de oposição.

OS POVOS PORTUGUÊS E ANGOLANO

SÃO ALIADOS!

O salazarismo procura espalhar entre os soldados que obriga a ir para Angola o ódio ao negro, ao povo trabalhador de Angola que quer acabar com a miserável exploração de que tem sido vítima.

Mas os soldados são também filhos de trabalhadores, são filhos dum povo que também luta pela sua libertação.

Ainda não há muito tempo o grande agrário alentejano e explorador dos operários agrícolas Felix Mira comprou metralhadoras e outras armas para ter nas suas propriedades com o objectivo de se prevenir contra «os negros alentejanos», como ele próprio dizia referindo-se aos trabalhadores do Alentejo.

Eles, os salazaristas, sabem bem que a criminoso guerra que conduzem em Angola defende os mesmos vis interesses que a luta que travam em Portugal para impedir que os

trabalhadores se livrem da miséria e da opressão. E tal como em certa altura mandavam soldados negros para Goa, agora mandam soldados brancos para Angola de modo a conseguirem que explorados e oprimidos obriguem outros povos a continuarem a ser explorados e oprimidos.

Camponeses do Sul! Esclareçamos os nossos companheiros de trabalho, os nossos vizinhos, os nossos conhecidos sobre o que representa a guerra colonial!

Protestemos contra os processos empregados pelos salazaristas para arrancar dinheiro ao povo! Organizemo-nos a recusa a dar contribuições! Lutemos contra os novos impostos e o aumento dos preços!

Organizemos as famílias dos soldados, os seus amigos, toda a gente da sua terra, para impedir que partam mais soldados para a guerra!

SOLDADOS! MARINHEIROS! AVIADORES!

Recusai-vos a partir para as colónias. Organizai (nos quartéis, barcos e bases aéreas) a resistência às ordens de mobilização para Angola. CRIAI COMITÉS DE RESISTÊNCIA em cada unidade militar!

Se não conseguirdes impedir o embarque para as colónias, organizai então a resistência às ordens de extermínio da população angolana, recusai-vos a atirar sobre as populações indefesas, confraternizai com o povo angolano. O momento poderá chegar em que teréis de vir as vossas armas contra aqueles que querem fazer de vós assassinos de patriotas, mulheres e crianças

ritmo de empreitada.

BALEIZÃO—Na primeira semana de ceifa a jorna foi para os homens 37\$00 e para as mulheres 25\$00, enquanto o ano passado elas não passaram de 30\$00 para os homens e 20\$00 para as mulheres. Entretanto os agrários exploram os ceifeiros o mais que podem e por maldade deixam grande parte no desemprego.

O agrário Dr. Feirão, quando um rancho de ceifeiros lhe foi pedir trabalho, respondeu-lhe que não dava porque não queria! Perante tal resposta os camponeses dirigiram-se ao posto da G.N.R., tendo o cabo ido falar ao agrário, mas este manteve a negativa dizendo que na sua casa quem mandava era ele.

Também o agrário António Lamprea, quando dum a vez chegou ao pé do pessoal da ceifa começou a insultá-lo, chamando-lhes malandros e outros nomes. Mas ante os insultos do agrário alguns camponeses decidiram dar-lhe uma lição, e então este explorador ao ver o caso mal parado, pediu desculpa, dizendo que não pensava que levavam a mal uma «brincadeira».

Com absoluto desprezo pela vida dos trabalhadores, as autoridades contribuíam para aumentar a miséria e desemprego! 60 trabalhadores que andavam no trabalho de uma estrada foram despedidos. Uma comissão avistou-se com o cabo da G.N.R., para que fosse dado trabalho. Este aconselhou-os a irem também à Casa do Povo e presidente da Junta de Freguesia. Como a disposição de conquistar trabalho por parte dos trabalhadores se mantivesse o caso foi participado ao tenente da G.N.R. de Beja, que por sua vez o participou ao Governador Civil. A única solução que este achou para o caso, foi aconselhar os trabalhadores a irem para Lisboa procurar trabalho nas obras, apesar de saber que em toda a região de Lisboa e arredores, assim como na margem sul do Tejo há largas centenas de trabalhadores desempregados. Entretanto como a disposição dos trabalhadores se mantivesse, a J.A. das Estradas não teve outro remédio senão abrir de novo os trabalhos, tendo em poucos dias admitido 50 trabalhadores.

ALJUSTREL—Nesta região as jornas nas ceifas foram a seco para homens 45\$00, mulheres 25\$00, com comida, homens 30\$00, mulheres 25\$00.

SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

No nº 84 do nosso jornal apelamos para os nossos leitores protestarem contra a violenta e criminoso repressão no Paraguai.

Entretanto em outros países da América Latina estão acontecendo factos que devem levantar o protesto de todos os homens de boa vontade. No México, por exemplo, apesar de não existir um regime fascista, mantêm-se, sem julgamento, as prisões de dirigentes comunistas, do Partido Operário e Camponês e de vários sindicatos. Entre os primeiros encontra-se o conhecido e famoso pintor David Alfaro Siqueiros.

Protestemos contra a repressão no México escrevendo para: Embaixada do México R.D. João V, 21, 8º—Lisboa (1)



Os Países Socialistas A agricultura na União Soviética

A agricultura na União Soviética percorreu um largo caminho no seu desenvolvimento.

Antes da revolução a Rússia tinha 367 milhões de hectares de terra cultivável. Destes, 252 milhões pertenciam ao Czar, aos latifundiários, conventos e camponeses ricos (Kulaks).

Um dos primeiros actos legislativos do poder soviético foi o decreto sobre a terra. Assim, todas as terras da família real, dos latifundiários, dos conventos e da igreja, com todo o gado de trabalho e produtivo, máquinas e outros apetrechos foram confiscados sem indemnização e entregues gratuitamente aos camponeses. Toda a terra foi declarada propriedade do povo.

Então, ante os camponeses, surgiu o seguinte dilema: como trabalhar a seguir, se era necessário impulsionar a agricultura: trabalhar em comum ou individualmente como antes? Mas as novas condições de vida (socialistas) mostraram aos agricultores que era impossível voltar atrás, só o trabalho colectivo lhes poderia dar uma existência mais segura e feliz.

Com a ajuda do Partido Comunista e do Estado Soviético os camponeses seguiram o caminho mais conveniente para o desenvolvimento da agricultura.

A partir de 1929 desenvolveu-se um movimento camponês de massas pela organização de fazendas colectivas: os Kolkoses.

Rapidamente os Kolkoses se converteram na forma de fazenda predominante.

A base económica do Kolkos é a propriedade social, colectiva so-

bre os meios de produção e os produtos de trabalho. Seus membros são coproprietários de todos os bens sociais (as sementeiras, o gado, as instalações e as máquinas), de todo o valor existente assim como de tudo que se produz na fazenda.

A administração dos assuntos do Kolkos efectua-se na base da mais ampla democracia, todos os seus membros intervêm na direcção da fazenda os quais em assembleia geral elegem o seu presidente e um órgão executivo que presta contas à assembleia geral.

O Kolkos cumpre os seus compromissos com o Estado com o fornecimento de parte da sua produção, faz as suas próprias reservas de sementes e forragens, fica com fundos sociais necessários para a actividade produtora e estabelece certa quantidade de produtos para vender nos mercados.

O rendimento do Kolkos é distribuído entre os seus componentes de acordo com o que cada um trabalhou, quer dizer, o que trabalhou mais e melhor, recebe mais.

Do total das receitas, por acordo da assembleia geral, uma parte é destinada à aquisição de máquinas, à construção de edifícios, aos clubes de cultura, a escolas, creches, etc.

Tais são as principais bases orgânicas das fazendas colectivas agrícolas na União Soviética. Os Kolkoses passaram a ser a forma mais apropriada de cooperativas agrícolas combinando com grande acerto os interesses sociais dos Kolkoses e o interesse pessoal dos camponeses.

«CATARINA»

Em Setembro do ano passado, pouco depois da sua prisão, foram publicadas algumas poesias de Francisco Miguel. Sabemos que foram acolhidas com muito carinho e interesse.

Como se diz nessa publicação: «... nos longos anos de prisão (Francisco Miguel) encontrou na poesia uma forma de se exprimir, uma forma espontânea, fácil, necessária, sentida e verdadeira.»

Recebemos uma sua poesia dedicada a Catarina Eufémea, a heroína operária agrícola de Baleizão, terra também de Francisco Miguel. Aqui a reproduzimos:

«CATARINA»

Catarina, heroína dum a aldeia.
Tu foste assassinada num trigal ceifado
E o teu sangue generoso derramado
Tornou mais forte ainda a nossa ideia.

Para nós tua memória é imortal;
Um dia a nossa terra terá teu busto,
Mulher do Povo, simples, maternal,
Lutando heroicamente pelo justo

E na estátua serás tu e a menina,
Aquele que beijaste ao falecer,
Pará que as mães ao passar possam dizer:
Olha, meu filhinho, é Catarina.

E no rodapé do monumento,
Simbolizando as acções feias
(Já que na vida há a malícia),
Estará um cão na figura de Candeias
Lambendo as botas grossas da polícia.

Levanta-te, Baleizão, e cerra o punho,
Mostra que és viril neste combate,
Dá da tua valentia testemunho
E que o teu nome chegue a toda a parte!

aliança e seu fortalecimento é fundamental que os assalariados agrícolas se aproximem dos camponeses pobres e lavradores descontentes e juntos encontrem as formas adequadas de luta pelas aspirações comuns.

A ALIANÇA DO PROLETARIADO COM O CAMPESINATO

Embora esta aliança revista de todo o seu significado na parte do País, situada ao Norte do Tejo, onde vive a maioria dos 263.578 pequenos agricultores, segundo o censo da população de 1950 excluídas «pessoas de família», os assalariados agrícolas ao Sul do Tejo não podem esquecer os 45.709 pequenos agricultores residentes nos cinco distritos Portalegre, Évora, Beja, Setúbal e Faro. Cerca de 25 mil situam-se no distrito de Faro, que se reveste assim da maior importância na luta pela aliança do proletariado com os camponeses.

Mas será possível esta aliança? A resposta poderia ser dada se respondermos a esta outra pergunta. Estão satisfeitos com o regime salazarista os pequenos agricultores? Qualquer pessoa honesta só pode responder—Não! Os 34 anos de opressão salazarista são prova prática mais do que suficiente que este regime não pode dar satisfação aos pequenos agricultores. Um regime que governa no interesse dos monopolistas não pode defender os não monopolistas e com maioria de razão os pequenos que sempre foram e são as grandes vítimas dos grandes capitalistas agrários. É uma realidade a diminuição dos «careiros» em todo o Alentejo em Lagos, no Algarve, ainda há pouco 50 quinteiros entregaram as terras que traziam de renda.

Os grandes agrários, apoiados pelo salazarismo, criam mil e uma dificuldade à pequena lavoura e esta sem qualquer protecção afunda-se. Ainda há pouco os donos da Comporta, os monopolistas Espírito Santo anunciaram que todo o habitante deste latifúndio, mais de 15.000 hectares, era obrigado a trabalhar para a companhia, de contrário seriam expulsos da terra onde nasceram!

Os pequenos agricultores sabem o que podem esperar dos chamados Planos de Fomento elaborados pelo salazarismo. Através do I Plano foram destinados 42.500 contos para defesa e enxugo da lezíria de Vila Franca de Xira, em benefício da Companhia das Lezírias do Tejo e Sado, possuidora de 52.000 hectares de terra e que em 1958 apresentou o lucro líquido confessado de 4.000 contos.

As obras de irrigação só beneficiam os grandes agrários, assim acontece, por exemplo, com a irrigação do vale do Sado. Os rendeiros vêm subir a renda das terras e os assalariados agrícolas ficam sem trabalho por largos períodos do ano por ser introduzido nas terras irrigadas a monocultura do arroz.

A organização corporativa asfixia a pequena lavoura. O pequeno agricultor trabalha desalmadamente, chega a trabalhar 18 a 20 horas na terra para muitas vezes não chegar a tirar uma jorna.

Toda esta situação constitui a base económica que fundamenta a possibilidade de aliança do proletariado com o campesinato pobre. Este será um fiel aliado com que o operariado pode contar na luta comum para o derrubamento do salazarismo. Mas no momento presente em que o capitalismo monopolista impera devemos também olhar com interesse para os lavradores médios cujas razões de queixa contra o regime salazarista não são nada pequenas.

A aliança da classe operária com os camponeses e a sua consolidação é uma tarefa que a todos diz respeito. Para a conquista desta

Só agora recebemos a mensagem da Federação Sindical Mundial aos Trabalhadores do Mundo a propósito do 1º de Maio de 1961. Que publicaremos em suplemento de «O Camponês» nº 87